

**A ESCRITA NUMÉRICA ESCOLAR COMO UMA PRÁTICA
NORMATIZADA: análise de dois cadernos do Curso Primário (1958-
1959)**

Fernando Ripe¹

Antônio Maurício Medeiro Alves²

RESUMO

Este texto apresenta a análise de dois cadernos escolares, datados respectivamente de 1958 e 1959, que pertenceram a um aluno que cursou a 1ª e 2ª séries do Curso Primário no Ginásio Pio XII na localidade de Três de Maio, Rio Grande do Sul. Os cadernos escolares foram aqui analisados como suportes de escritas matemáticas, nos quais os registros de séries numéricas demonstraram ser uma prática normatizada na medida em que apresentam certas regularidades e recorrências em suas atividades. A partir do viés da história da cultura escrita compreendemos os registros matemáticos mobilizados pelo aluno como marcas de um “dispositivo escritural” matematizado. Tal compreensão foi formulada a partir do cotejamento de nossas fontes com as orientações pedagógicas para o ensino de matemática, elaboradas pelo Ministério da Educação e da Saúde (1952) e com livros didáticos que foram impressos no período analisado e que circularam no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. Caderno Escolar. Cultura Escrita.

INTRODUÇÃO

Etimologicamente o substantivo caderno tem sua origem na palavra latina *quaternum*, de *quattuor*, o que significa “quatro”, pois os cadernos eram confeccionados com folhas de tamanho grande dobradas em quatro partes iguais e unidas por estas dobras. Outro significado atribuído para a palavra é o agrupamento de folhas de um mesmo padrão protegidas por uma capa. A variabilidade dos materiais utilizados na confecção de

¹ **Doutorando** da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Membro do Centro de Estudo e Investigação em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: fernandoripe@yahoo.com.br

² **Docente** da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Integrante do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES/UFPel) e do Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos sobre Educação Matemática nos Anos Iniciais (GEEMAI/UFPel).

E-mail: alves.antonioauricio@gmail.com

cadernos e os seus diferentes usos (pessoal, escolar, recenseador, arquivístico, notário, escriturário, prontuário, contábil, administrativo, entre muitos outros) dão nota que na dinâmica histórica cada sociedade atribuiu distintos modos de transcrição e preocupações em manter os seus registros escritos. No que confere ao uso escolar o historiador francês Jean Hébrard (2001) acredita que foi somente na metade do século XIX que os cadernos, enquanto suporte da escrita, começaram a ocupar maior destaque no cotidiano escolar, sendo-lhes conferido mais dedicação e tempo durante as atividades pedagógicas desenvolvidas em salas de aula.

Para a historiadora em práticas de alfabetização Anne-Marie Chartier (2002) os cadernos escolares podem ser percebidos como um “dispositivo sem autor”³ que fornecem “testemunhos insubstituíveis a respeito dos exercícios escolares, das práticas pedagógicas e do desempenho dos alunos no contexto da sala de aula” (CHARTIER, 2007, P. 13). Esta noção de dispositivo é advinda dos estudos do pensador francês Michel Foucault e possibilitou à pesquisadora Anne-Marie Chartier associar os cadernos escolares como sendo um *dispositivo escritural* – uma vez que é agenciado por discursos, instituições, regulamentações e imperativos filosóficos, morais e científicos –, capaz de atuar como um mecanismo em que a sociedade estrategiza sua inteligibilidade através da escrita.

A análise de cadernos escolares tanto pelo viés da História da Educação como da História da Cultura Escrita, notadamente nas duas últimas décadas, tem se mostrado especialmente potentes para verificar “as concepções pedagógicas vigentes, sobre as rotinas de sala de aula, sobre a avaliação” que foram registradas neste suporte (METZGER, 2014, p. 10). A partir desta potencialidade, buscamos na presente comunicação apresentar os primeiros resultados de uma investigação que privilegia a análise de dois cadernos escolares de um aluno, cujos registros foram elaborados entre os anos de 1958 e 1959, durante as duas séries iniciais do Curso Primário no Ginásio Pio XII na cidade de Três de Maio, Rio Grande do Sul. Nossa preocupação inicial foi perceber o que revelariam estes cadernos escolares da década de 1950 sobre o ensino de matemática para os primeiros anos do ensino primário?

³ Sobre o problema da autoria individual ou coletiva, sugere-se: CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositif sans auteur: cahiers et classeurs dan l'école primaire. *Hermès*. n. 25, p. 207-218, 1999.

Para uma melhor sistematização da análise que empreendemos nesta comunicação dividimos o texto da seguinte maneira: primeiro apresentamos a descrição da nossa fonte de pesquisa e contextualizamos historicamente a instituição escolar em que se deu o processo de aprendizagem; segundo, a partir do viés da história da cultura escrita, compreendemos que os registros matemáticos mobilizados pelo aluno são marcas de um “dispositivo escritural” matematizado. Tais suportes de escritas matemáticas denotam evidências de que os registros de séries numéricas foram uma prática pedagógica normatizada na medida em que são explícitas certas regularidades e recorrências em seus registros; terceiro, realizamos o cotejamento de nossas fontes com as orientações pedagógicas para o ensino de matemática elaboradas pelo Ministério da Educação e da Saúde (1952) e com livros didáticos que foram impressos no período analisado e que circularam no Rio Grande do Sul.

DOIS CADERNOS ESCOLARES DO GINÁSIO PIO XII: Entre a análise do suporte e o contexto histórico da instituição

A escolha da principal fonte de análise se deu pelo interesse que os autores desta pesquisa tiveram ao se depararem com dois cadernos escolares, de um mesmo aluno, no acervo que o grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares) mantém na Universidade Federal de Pelotas.⁴ Poucas são as informações que dispomos da autora dos registros escritos desses cadernos escolares. Trata-se de Alcione José R. Tomasi que à época possuía cerca de 6 anos de idade e frequentava as primeiras séries do curso primário na instituição Ginásio Pio XII, na localidade de Três de Maio/RS. No acervo do HISALES também encontramos o boletim escolar do aluno. Tanto os cadernos escolares como o boletim nos forneceram alguns indícios sobre o processo de formação pedagógica do aluno a respeito da educação matemática desenvolvida em um determinado espaço, seja o Ginásio Pio XII, bem como

⁴ Segundo Peres (2012, p. 94), “[...] o acervo compõe-se, atualmente, de 119 cadernos de crianças em fase de alfabetização. Para um estudo longitudinal do ensino da leitura e da escrita, temos procurado, inicialmente, organizar o acervo primeiramente por década e, para cada década, por anos disponíveis” De acordo com o site do Grupo de Pesquisa, há no acervo um total de 580 unidades (fevereiro de 2017) de cadernos de alfabetização, compreendidos como aqueles em que há registro do ensino sistemático da leitura e da escrita (pré-escolar, 1a. série, 1º. ano, e em alguns casos, pós 2010, com o aumento do Ensino Fundamental para nove anos, 2a. série e 2º. ano; pós 2013, com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, Pré-escola, 1º ano, 2º ano, 3º ano) (http://wp.ufpel.edu.br/hisales/?page_id=14).

XV Seminário Temático

Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990

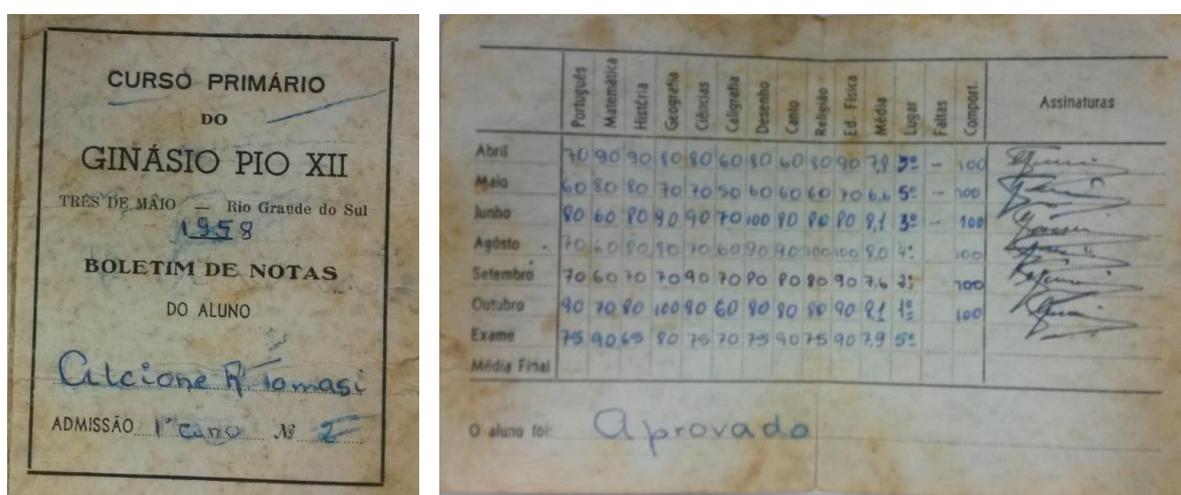
Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017

Universidade Federal de Pelotas

ISSN: 2357-9889

em uma específica temporalidade, final da década de 1950. Como podemos observar na seguinte imagem, o aluno que escreveu o suporte em análise, apresentava desempenho mensal pendular na componente Matemática. Todavia foi aprovado na disciplina com 90% de aproveitamento no exame realizado na escola. Cabe, ainda, destacar o alto parecer que o aluno teve na componente Comportamento, onde obteve 100% em todos os meses de aferição.

Boletim escolar



The left image shows the cover of the report card, which is a simple paper with a black border. It contains the following text: "CURSO PRIMÁRIO DO GINÁSIO PIO XII TRÊS DE MAIO - Rio Grande do Sul 1958 BOLETIM DE NOTAS DO ALUNO Cicleone R. Tomasi ADMISSÃO 1º ano Nº 2".

The right image shows the report card itself, which is a table with columns for subjects and months. The subjects are: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Caligrafia, Desenho, Canto, Religião, Ed. Física, Música, Lugar, Faltas, and Comport. The months are: Abril, Maio, Junho, Agosto, Setembro, Outubro, Exame, and Média Final. The report card shows the following scores: Abril (70, 90, 90, 80, 80, 60, 80, 60, 90, 90, 7, 2, 3, 100), Maio (60, 80, 80, 70, 70, 90, 40, 60, 60, 70, 6, 6, 5, 100), Junho (80, 60, 80, 90, 90, 70, 100, 90, 80, 80, 9, 1, 3, 100), Agosto (70, 60, 80, 80, 70, 60, 90, 80, 100, 100, 8, 0, 4, 100), Setembro (70, 60, 70, 70, 90, 70, 80, 80, 80, 90, 7, 6, 2, 100), Outubro (40, 70, 80, 100, 90, 60, 80, 90, 90, 90, 8, 1, 1, 100), Exame (75, 90, 65, 80, 75, 70, 75, 90, 75, 90, 7, 9, 5, 100), Média Final (75, 90, 65, 80, 75, 70, 75, 90, 75, 90, 7, 9, 5, 100). The report card also has a section for "Assinaturas" and a section for "O aluno foi: Aprovado".

Figura 1 – Fonte disponível no Acervo do HISALES.

Os cadernos escolares que analisamos são de pequeno formato, ambos em brochura, o primeiro encapado com um simples papel de seda comercial utilizado para embalagens e, o segundo com uma capa de maior gramatura, já etiquetado para identificação do aluno. Podemos perceber o nome do aluno, escrito pelo mesmo nas duas capas dos cadernos.

Cadernos escolares analisados



Figura 2 – Fonte disponível no Acervo do HISALES.

Nossa investigação se restringiu à análise dos registros matematizados que o aluno realizou.⁵ Dentre os registros matematizados dos cadernos escolares o que mais nos chamou a atenção foi a recorrência de uma mesma atividade pedagógica, neste caso o registro da sequência dos números naturais, que foi proposta 29 vezes no primeiro caderno.⁶ A imagem abaixo apresenta um exemplo de sequência numérica registrada em um dos cadernos. Nos deteremos à análise destas sequências no decorrer do presente texto.

Exemplo de escrita da sequência numérica

⁵ Sobre o processo de matematização, sugerimos: VALENTE, Wagner rodrigues. A matematização da pedagogia: tempos de mudança da cultura escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*. Maringá-PR, v. 16, n. 4 (43), p. 10-31, out./dez. 2016.

⁶ No segundo caderno também há registros de sequências numéricas, porém esta prática pedagógica foi amplamente reduzida em detrimento ao elevado número de registros que simbolicamente apresentam agrupamentos de grupos em iguais números – atividades pedagógicas para desenvolver o raciocínio acerca das operações de multiplicação e divisão.

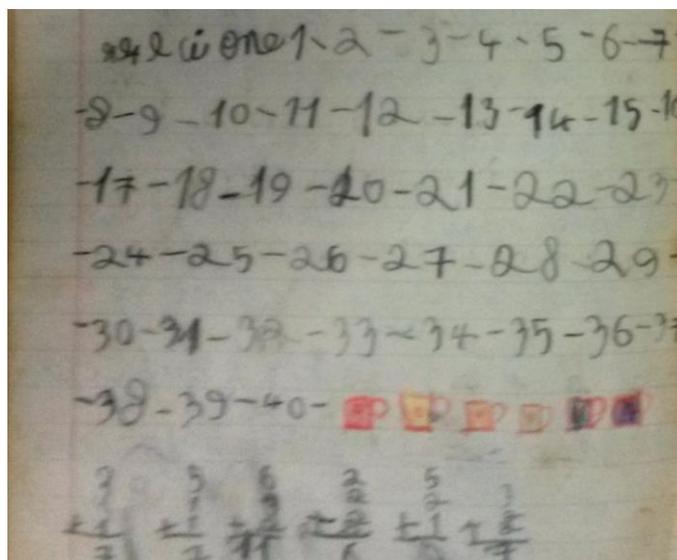


Figura 3 – Caderno escolar. HISALES.

Sobre o contexto histórico da instituição que abrigou a alfabetização do aluno Alcione Tomasi verificamos que a escola foi instituída oficialmente em janeiro de 1931, denominada inicialmente como *Escola Paroquial Pio XII*. Seu principal propósito era ser uma escola particular cristã-católica de 1º grau destinada à educação dos jovens de uma pequena localidade, especificamente no 7º Distrito da cidade de Santa Rosa.⁷

Somente na década de 1950 a localidade de Três de Maio ganhou contornos definidos ao se emancipar da cidade de Santa Rosa. Nessa atmosfera emancipatória o então Ginásio Pio XII, que iniciou suas atividades escolares com um pequeno grupo de religiosas pertencentes à congregação Sagrado Coração de Jesus, ganhou maiores dimensões. As aulas, que até então eram separadas por gênero e possuíam exames em conjunto, passaram a ser ministradas aos meninos pelos padres da Congregação Religiosa Consolata e para as meninas continuou sob a responsabilidade das irmãs. Neste período o funcionamento do Pio XII era de regime de internato e externato e ocupava o pavilhão de festas da Igreja Católica. Somente em 1951 a escola adquiriu o terreno e, com o auxílio da sua comunidade, começou a construção do prédio onde ainda hoje se localiza a instituição. Como sugere as seguintes imagens da construção do prédio escolar.

⁷ As informações que dispomos sobre esta instituição foram arroladas pela Professora Laenir Anas e se encontram disponíveis em seu blog. Sugere-se consultar: <http://portuguesprofelaenirana.blogspot.com.br> Acesso: 03 de fevereiro de 2017.

Construção do prédio escolar do Ginásio Pio XII, década de 1950.



Figura 4 - Imagens disponíveis em <http://portuguesprofelaenirana.blogspot.com.br> Acesso: 03/02/2017.

Na década de 1970 o Estado assumiu a responsabilidade pela instituição escolar. Atualmente a escola, denominada como Instituto Estadual de Educação Cardeal Pacelli, atende cerca de 1200 alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Abaixo apresentamos uma imagem atual do seu prédio.

Prédio do Instituto Estadual de Educação Cardeal Pacelli



Figura 5 – Disponível em: <http://portuguesprofelaenirana.blogspot.com.br> Acesso: 03/02/2017.

SEQUÊNCIAS NUMÉRICAS: Uma prática pedagógica normatizada

A educação matemática desenvolvida em uma escola do interior do Rio Grande do Sul em determinada temporalidade, seja a década de 1950, e o seu específico processo na formação do pensamento numérico de um aluno registrado em dois cadernos escolares dos primeiros anos do ensino primário nos colocaram frente a inúmeras perspectivas de observação e de análise. Cabe destacar que estamos apresentando os primeiros exames desta investigação, de modo que privilegiamos para este texto a análise da prática pedagógica que priorizou o registro de sequências numéricas como forma de desenvolver habilidades matemáticas. Neste caso estamos percebendo tal atividade como um dispositivo de escrita normativo.

Nossa perspectiva teórica e analítica se insere na história da cultura escrita. Que de acordo com Castillo Gómez e Sierra Blas (2008, p. 19), é o “[...] estudo da produção, difusão e conservação dos objetos escritos” cuja base teórica dialoga com diferentes áreas do conhecimento, em especial com os saberes advindos da História da Educação Escolarizada, e “que têm como seu objeto o estudo da escrita em suas várias modalidades”. Para as pesquisadoras Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008, p. 39) o caderno escolar é considerado como “um conjunto de práticas discursivas que se articulam de um determinado modo produzindo efeito”. Tal efeito pode ser compreendido tanto pela ação do aluno que realizou o registro, como pelas ações de ordem do professor que desenvolve a prática pedagógica. Ainda de acordo com as autoras “tal documento [cadernos escolares] não é considerado em si mesmo, mas tomado como fonte primária neutra para a aproximação de outras questões, permitindo observar que conteúdos se ensinam e como se ensinam” (GVIRTZ; LARRONDO, 2008, p. 39). Sobre o uso de cadernos escolares como fonte de investigação o historiador espanhol Castillo Gómez atentou que:

Os cadernos revelam ainda modelos, exemplos e testemunhos, reais e fictícios, de distintas modalidades textuais, cuja coexistência, nesse espaço gráfico, expressa a pluralidade de matizes observáveis nas escritas escolares e infantis, isto é, entre as que *respondem a uma produção regrada* ou sujeita ao fazer da escola.

(CASTILLO GÓMEZ, 2012, p. 68 [grifos nossos])

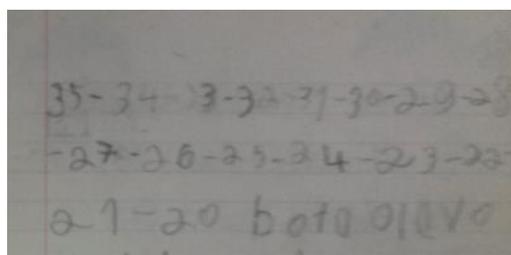
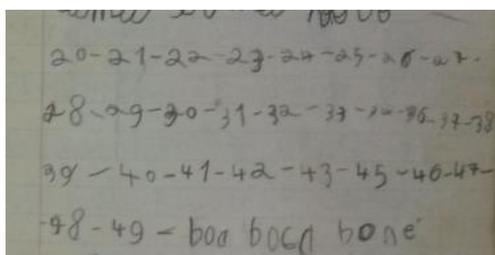
Como bem observou o autor as escritas escolares nestes cadernos escolares, ou de forma análoga, como destacamos anteriormente, tratar-se-iam de dispositivos escriturais, obedecem a uma produção regrada, que “assume a tensão subjacente entre as normas que regem o espaço escolar, por parte dos professores e professoras, e a possibilidade de transgressão inerente a cada ato de escrita” (CASTILLO GÓMEZ, 2012, p. 68).

De acordo com o pesquisador em História da Educação Justino Magalhães (2007) “toda a ação escolar tende para uma normatividade e toda normalização é produto e prova de uma ação pedagógico-didática” (MAGALHÃES, 2007, p. 201). Para o autor português as práticas didáticas, marcadas por contingências regularizáveis, são basicamente o produto de uma aplicação normativa.

Por outro lado, também podemos identificar a existência de uma valorização da cultura manuscrita dos números, que primordialmente promove um sistema único e correto de registro. Assim a prática do registro da sequência numérica tem como função codificar, fixar e normatizar a linguagem matematizada. A recorrência desta atividade pedagógica, ainda que nos cadernos analisados tenha afastado qualquer possibilidade de contexto sociocultural, tem por finalidade afastar qualquer variação ou erro.

Na recorrência da atividade pedagógica demonstrada nos cadernos escolares analisados fica claro o percurso metodológico adotado pelo professor. Ainda notamos que estas atividades apresentem pouca variabilidade (crescente, decrescente, pares, ímpares, com intervalos menores ou maiores). Na imagem abaixo apresentamos algumas destas variações.

Imagens representando diferentes práticas envolvendo o registro da sequência numérica



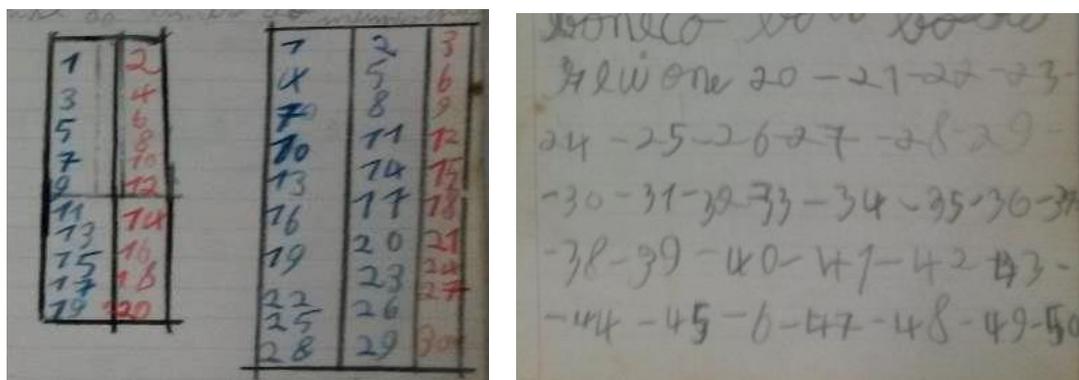


Figura 6 – Fonte disponível no acervo do HISALES.

Nesse sentido, verificamos que a escrita escolar da sequência numérica tornou-se uma atividade perfeitamente normalizada. Neste caso o registro da sequência numérica, aqui anunciado enquanto um dispositivo escritural matematizado, apresenta-se como escrita e o aluno cumpriu seu papel de escrevente ao apoiar-se destes registros para desenvolver outras habilidades matemáticas.

A prática de escrever a sequência numérica está presente na escola primária como exercício pedagógico com a finalidade de ordenamento dos cardinais, apresentados pelo professor, onde os alunos devem reproduzir oral e por escrito infindáveis vezes. Resta ao aluno repetir o processo diversas vezes até obter sucesso na escrita. Esta atividade de cópia, ainda é um exercício fundamental para o conhecimento matemático na formação do aluno, bem como seu registro pode servir como controle de sua aprendizagem pelo professor.

Consideramos ainda, que a recorrência dos registros escritos da sequência numérica pode identificar que não apenas o desempenho do aluno está em comprovação. Se esta atividade, tão modesta e tão tradicional no ensino da matemática elementar, se tornou um ritual validado, talvez seja porque ela manifesta certa concepção de cultura escrita, tipificada no início do ensino primário.

ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA: Cotejamento com outras Fontes

Em 1952 o Ministério da Educação e Saúde brasileiro publicou um conjunto de sugestões para a organização e desenvolvimento de programas para o ensino da

matemática na educação primária. Cabe destacar que nestas orientações pedagógicas a escola primária é a instituição capaz de

[...] fornecer aos alunos os instrumentos básicos para a participação na vida social, deve considerar os conhecimentos matemáticos a serem adquiridos pelas crianças, não pelo seu valor em si mesmos, mas na medida em que são utilizáveis para a resolução das questões da vida cotidiana.

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1952, p. 01)

Outro aspecto abordado pelas orientações do Ministério foi o significado que o ensino da matemática deveria dar para o futuro do estudante, “a educação visa não só à vida presente, como à vida futura dos alunos”. Esta incitação à aprendizagem contextualizada com o contexto do educando e significativa para o seu desenvolvimento social pode ser percebida como uma forma de romper com o ensino matemático meramente numérico que levava “o aluno apenas a adquirir conhecimentos sobre a matéria” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1952, p. 01). Foi, basicamente, nessa perspectiva de matemática utilitária que o Ministério atribuiu a relevância para o ensino da matemática escolar:

O que importa é saber se as informações obtidas vêm concorrer para o seu desenvolvimento [do aluno], isto é, se o tornam diferente do que era anteriormente, não só em relação a si mesmo como também em relação a outros alunos que ainda não possuem essas informações. Interessa ainda saber se o aluno faz uso efetivo desses conhecimentos e como o faz, e, o que é ainda muito importante, se as novas experiências vêm contribuir para melhor adaptá-lo à vida cotidiana.

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1952, p. 01)

Ainda que a escrita da sequência só tenha significado em si mesma, o desenvolvimento desta prática pedagógica cumpre o papel ao qual estava designado, uma vez que consta nas orientações do Ministério os seguintes objetivos de matemática para o ensino primário: “Corrigir e desenvolver os conhecimentos de ordem matemática que as crianças possuem, ao ingressarem na escola”; “Saber contar e escrever, na ordem crescente e decrescente, os números de 1 a 100, por unidades e por grupos de unidades de 2, 3, 5 e 10”; “Ter noção de números pares e ímpares” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1952, p. 04).

Na década de 1950 as cartilhas para alfabetização foram outro um importante dispositivo de orientação para a realização desta atividade. De acordo com a pesquisa de doutoramento de Antônio Maurício Alves (2013), cujo tema centrou-se na Matemática Moderna para o ensino primário gaúcho a partir da análise de duas coleções ilustradas que foram produzidas e que circularam no Rio Grande do Sul, o movimento global de renovação do ensino da Matemática, conhecido como Movimento da Matemática Moderna (MMM), constituiu-se, no estado do Rio Grande do Sul, de maneira heterogênea, uma vez que houve um conjunto de ações orquestradas por sujeitos pertencentes a diferentes instituições de ensino/formação/pesquisa, que influenciavam a produção didática local.

Uma protagonista que estabeleceu uma relação entre as propostas do MMM para o ensino de aritmética no primário, na década de 1950, foi a professora Odila Xavier. Em sua tese ela apresentou como necessários em um programa de Matemática dos Cursos de Formação e de Aperfeiçoamento Pedagógico ou de Supervisores Escolares: o problema da contagem, a correspondência e os conjuntos.

Ainda na tese, professora declarou que o “problema da contagem” deve ser cuidadosamente estudado, pois somente o conhecimento de sua gênese “armará o professor primário de instrumento conveniente para melhor conhecimento da origem, desenvolvimento e sequência dos números”, o que demonstra conhecimento de que o ensino da contagem e do número não ocorre “naturalmente” na criança, devendo o professor promover situações que desenvolvam as estruturas lógicas que levam à construção do número e, conseqüentemente, à contagem (XAVIER, 1959, p. 177).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemporaneamente a aprendizagem do número continua sendo tema de debate no campo da Educação Matemática, pois trata-se do momento inicial em que a linguagem matematizada dos alunos que estão se alfabetizando/letrando ingressam no pensamento matemático formal (o registro) através do numeramento.

Consideramos que as atividades registradas nos cadernos analisados foram aqui compreendidas como uma prática normatizada, na medida em que atenderam certas regras pré-estabelecidas, a recorrência de atividades – a repetição do traçado dos algarismos –

uma disciplinarização que afastava qualquer ação mais espontânea e fixava a concentração do educando. Mas que também obedecia claramente às sugestões e orientações do Ministério da Educação e Saúde para o ensino de matemática para a educação primária.

De acordo com a historiadora em Educação Maria Teresa Santos Cunha, ao tratar dos registros escolares numa perspectiva cultural, os materiais produzidos por alunos são vestígios que condiciona memórias da educação escolarizada, permitem, assim, perseguir um certo conjunto de códigos culturais nele inscrito, bem como possibilitam ao pesquisador o reconhecimento de um sistema de regras culturalmente construídas e cristalizadas nas concepções pedagógicas (CUNHA, 2007, p. 83).

Por último, gostaríamos de destacar a potencialidade que os cadernos escolares se apresentam enquanto fontes primárias de investigação. Em nosso estudo, temos encontrado a possibilidade de dialogar teoricamente os campos da História da Educação Matemática e da História da Cultura Escrita. Também, temos observados que registros escriturais matematizados realizados por alunos através de cadernos escolar são efeitos da interação entre educandos e docentes, das práticas institucionais escolares adotadas, dos discursos pedagógicos que circularam na temporalidade do objeto e das normativas orientadas pelas políticas públicas da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Antonio Mauricio Medeiros. **A Matemática Moderna no ensino primário gaúcho (1960-1978):** uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente. 2013. 320f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BASTOS, Maria Helena Camara. Um retrato Multicolorido da Escola: cadernos de uma Aluna Singular (1953-1957). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dória Bittencourt (Orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein do Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1958-2008).** Porto Alegre: ediPUCRS, 2013, p. 232-259.

CASTILLO GÓMEZ, A.; SIERRA BLAS, V. (Orgs.). **Mis primeiros passos:** alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Gijón: Trea, 2008.

CHARTIER, Anne-Marie. **Um dispositivo sem autor:** cadernos e fichários na escola primária. Revista Brasileira da História da Educação. Nº 3, 2002, p. 9-26.

XV Seminário Temático

Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990

Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017

Universidade Federal de Pelotas

ISSN: 2357-9889

CHARTIER, Anne-Marie. **Os cadernos escolares**: organizar os saberes, escrevendo-os. *Revista de Educação Pública*. Cuiabá, v.16, n.32, p. 13-33, set./dez., 2007.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Cadernos à Vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 35-48.

JACQUES, Alice Rigoni. Do Carimbo à Caneta Vermelha: Marcas de Correção em Cadernos escolares (1948-1958). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dória Bittencourt (Orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein do Colégio Farroupilha/RS**: memórias e histórias (1958-2008). Porto Alegre: ediPUCRS, 2013, p. 232-259.

MAGALHÃES, Justino. **Mediações da Cultura Escolar** - a Prática como Normatividade. Gómez Fernández, Juan; Espigado Tocino, Gloria; Beas Miranda, Miguel (Eds). *La Escuela y sus Escenarios*. El Puerto de Santa María: Concejalía de Cultura del Ayuntamiento de El Puerto de Santa María, 2007, p.197-205.

METZGER, Gianna Tassoni. **Cadernos escolares de 1984**: (re)descobrimos perspectivas na história da educação. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. **Matemática no Curso Primário**: sugestões para organização e desenvolvimento de programas. Estudos preliminares. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1952.

PERES, Eliane. Um estudo da História da Alfabetização através de cadernos escolares (1943-2010). In: **Cadernos de História da Educação** – v. 11, n. 1 – jan./jun. 2012, pp.93-106.

XAVIER, Odila Barros. Sugestões para programas em curso de aperfeiçoamento de professores primários (Tese apresentada no II Congresso Nacional de Ensino da Matemática, 1957). In: **Anais do II Congresso Nacional de Ensino da Matemática**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul. 1959. p. 169-205.